

SÍNTESE HISTÓRICA DO SURGIMENTO E OCUPAÇÃO DO CENTRO À OESTE DE SANTA MARIA/RS: A CIDADE, SEUS AGENTES DINAMIZADORES E SUA EVOLUÇÃO

Juliana Ferrari

Graduação em Tecnologia em Gestão Ambiental - UFSM. Técnica em Meio Ambiente - Colégio Politécnico da UFSM
Mestra em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFRGS
E-mail: sm.julianaferrari@gmail.com

Nina Simone Vilaverde Moura

Bacharel e Licenciada em Geografia - UFRGS, Mestre e Doutora em Geografia - USP
Professora Titular do Departamento de Geografia e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFRGS.
E-mail: nina.moura@ufrgs.br

RESUMO

A cidade é um ambiente produzido, que constitui um espaço com sua dinâmica em constante transformação e resultante da interação de fatores físicos, biológicos e antrópicos. As intervenções sobre as cidades e conseqüentemente de sua paisagem ocorrem concomitantemente com sua produção histórica, derivando também suas condicionantes geográficas. O objetivo desse estudo consiste em investigar a evolução do espaço urbano de Santa Maria/RS, com enfoque no trecho de sua região Centro a Oeste, e identificar agentes dinamizadores históricos relevantes no processo de produção e transformação desse espaço, a fim de também agrupar e centralizar tais informações. Tal investigação e resgate foi guiada por procedimentos de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, sistematização de dados e seleção de indicadores. Como resultado foi possível identificar os períodos e marcos geo-históricos para cidade, bem como reconhecer o contexto histórico e socioeconômico da produção do espaço urbano que impulsionou e agiu sobre essa, e determinar períodos e agentes representativos na sua evolução. Entre os principais motivadores da expansão foram identificados a viação férrea, as instituições militares e as instituições de ensino. A economia sustentada pelo militarismo, pelo serviço público em geral, e pelo setor terciário, sendo uma cidade alicerçada no comércio. Entende-se que esse compilado de informações geradas durante a pesquisa serve de subsídio para outros estudos, entendendo que a sua geo-história e as alterações em sua morfologia exercem influência sobre outras estruturas e dinâmicas da gestão pública e do planejamento urbano.

PALAVRAS-CHAVE: geo-história; urbanização; cidades médias; agentes dinamizadores; morfologia.

HISTORICAL SYNTHESIS OF THE DEVELOPMENT AND OCCUPATION CENTER-WEST OF SANTA MARIA / RS: THE CITY, ITS DYNAMIZING AGENTS AND ITS EVOLUTION

ABSTRACT

The city is a produced environment, which constitutes a space with its dynamics in constant transformation and resulting from the interaction of physical, biological and anthropic factors. Interventions on the cities and consequently their landscape occur concurrently with their historical production, deriving also their geographical determinants. The objective of this study is to investigate the evolution of the urban space of Santa Maria / RS, focusing on the stretch of its Center to the West, and to identify relevant historical dynamizers in the process of production and

transformation of this space, in order to also group and centralize such information. Such research and rescue was guided by procedures of bibliographic research, documentary research, data systematization and selection of indicators. As a result, it was possible to identify the geo-historical periods and landmarks for the city, as well as to recognize the historical and socioeconomic context of the urban space production that stimulated and acted on it, and to determine representative periods and agents in its evolution. Among the main motivators of the expansion were identified the railway, military institutions and educational institutions. The economy sustained by militarism, by the public service in general, and by the tertiary sector, being a city based on commerce. It is understood that this compiled information generated during the research serves as a subsidy for other studies, understanding that its geo-history and changes in its morphology influence other structures and dynamics of public management and urban planning.

KEYWORDS: geo-history; urbanization; medium cities; dynamizing agents; morphology.

INTRODUÇÃO

A cidade é um espaço produzido, o qual as múltiplas formas de ocupação refletem o momento histórico, econômico, social, político e cultural. Sua condição atual é um resultado da dinâmica entre alterações físicas e os agentes dinamizadores atuantes, que ocorre a partir da ação conjunta de uma escala de tempo de evolução do relevo para uma escala histórica ou humana. O espaço urbano é específico de cada cidade, derivando de sua própria história e evolução, segundo as condições geográficas ali encontradas, e de seus planos ou projetos que definem sua estrutura geral, suas constantes e suas regras. O meio físico é o componente ambiental que mais interage de modo direto com o ambiente construído, o qual através da urbanização se depara com problemas resultantes de políticas de planejamento que não contemplam as necessidades reais e a manutenção da qualidade ambiental.

O fator cultural também interfere na relação com o ambiente, predominando sobre as questões ambientais e gerando hábitos e condutas de acordo com essa percepção. Potencial causadora de impacto ambiental, a intervenção social muitas vezes traz consigo significativa capacidade de degradação. E, deste modo, as intervenções humanas sobre o meio natural deixam registros na paisagem evidenciando a maneira pela qual o ser humano, ao longo da sua evolução, apropriou-se do ambiente (GOMES, 2013). Referindo-se ao contexto brasileiro, nas cidades médias, como enquadra-se Santa Maria, as alterações que as atingiram ao longo da história apresentaram grau de impacto menor do que os grandes centros urbanos. Mas quando analisadas temporalmente em detalhe, verifica-se inúmeras alterações já concretizadas e que devem ser consideradas (GOMES; MOURA, 2015).

Ross (1994) afirma que a preocupação com o desenvolvimento por parte dos governantes, sociedade e planejadores não deve levar em conta apenas as potencialidades dos recursos, mas

principalmente as fragilidades dos ambientes naturais diante das intervenções do antrópicas no meio físico. A expansão urbana trouxe a necessidade de estudos que investiguem a fragilidade dos ambientes e da configuração do relevo. Os estudos aplicados dos processos morfológicos, a cartografia evolutiva e retrospectiva e o mapeamento permitem a análise da distribuição espacial e a avaliação da intensidade de processos quase sempre não percebidos.

Através da investigação quali e quantitativa das transformações no espaço decorrentes da urbanização, far-se-á nessa pesquisa a identificação dos agentes dinamizadores históricos relevantes no processo de produção e transformação desse espaço urbano da Região Centro à Região Oeste da cidade de Santa Maria, de modo a apresentar a evolução da ocupação urbana de Santa Maria e como essa alterou a sua morfologia original. Parte-se da preposição de que o estabelecimento desta cronologia também permite o resgate e o agrupamento de informações que estão se perdendo ao longo dos anos, possivelmente pela ausência da centralização e significação dessas, pela não priorização por parte das instituições responsáveis e pela dificuldade de manutenção, de recursos e de mão de obra nos acervos documentais. Nessa pesquisa o antrópico e a ação antrópica são abordados a partir do entendimento de que o ser humano age como mediador da condição histórica, como sujeito produtor do espaço geográfico e agente geomorfológico. Cabe ao processo de pesquisa desvendar quem são esses agentes sociais, reconhecendo classe e territorialidade, deixando de universalizar e reduzir o todo a um vazio sem consistência e responsabilização.

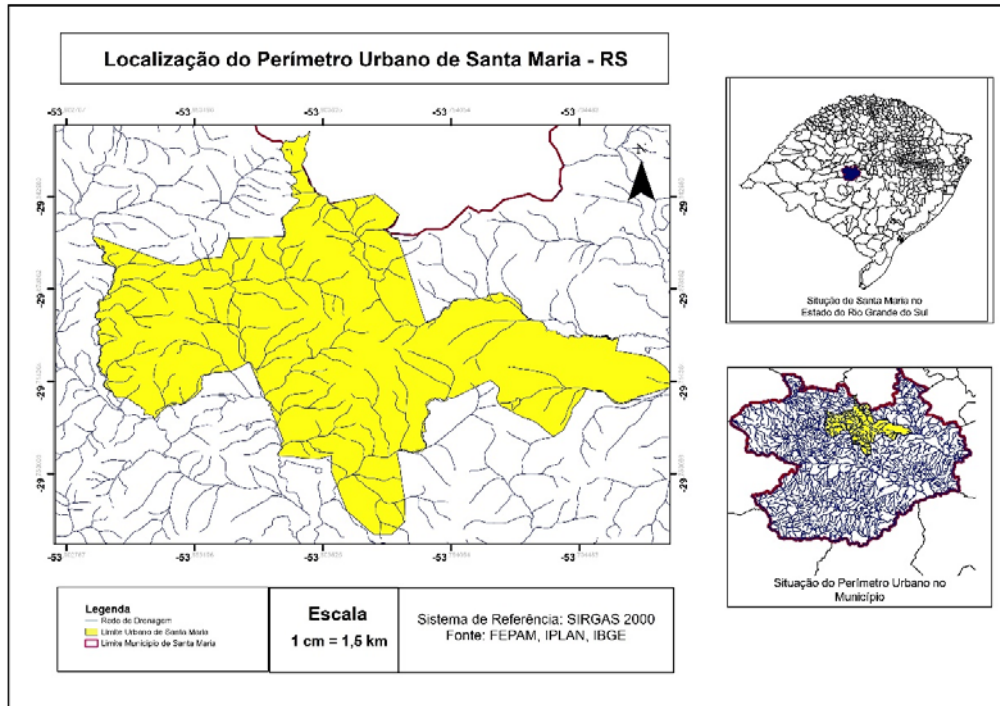
SITUAÇÃO DA ÁREA E CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA

O município de Santa Maria está no centro geográfico do estado do Rio Grande do Sul. No dia 16 de dezembro de 1857 foi instituído pela Lei Provincial nº 400, e oficialmente instalado no dia 17 de maio de 1858, com a denominação de “Vila Santa Maria da Boca do Monte”. Em 1876 é elevada à cidade. Atualmente é afetuosamente mencionada como “O coração do Rio Grande”, devido a posição central no estado e a sua popularidade como uma cidade acolhedora. Está aproximadamente entre as coordenadas 53°30’22” e 54°19’32” de longitude oeste e 29°20’28” e 30°00’16” de latitude sul, possuindo uma área total de 1.788,129 km², sendo 121,84 km² a área de seu Distrito Sede (tratado como Perímetro Urbano na Figura 1).

Destaque entre as cidades médias, atualmente é o quinto município mais populoso do Estado (PESSOA, 2017). No ano de 2017 a população estimada é 278.445 habitantes (IBGE, 2017). No último Censo Populacional, em 2010, obteve-se o dado populacional de 261.031 habitantes, representando uma densidade média no município de 145,98 habitantes/km². A estimativa é de que

58.347 habitantes se referiam à área urbana e 12.684 à área rural. Em sua região geográfica imediata¹ é a de maior população.

Figura 1 - Situação de Santa Maria e localização do perímetro urbano.



Elaboração pelas autoras

Tem as características funcionais concentradas no setor terciário, destacando-se a nível estadual com a prestação de serviços relacionada às seguintes funções: comercial, educacional, médico-hospitalar, entroncamento ferroviário, nó rodoviário e militar-policial. Estas funções englobam a maior parte da população ativa da cidade, com destaque às atividades educacional e comercial. Toda essa sua importância funcional se deve a sua posição central no estado e pelas facilidades de conexão com municípios da região, que atrai população destas e ainda abastece os municípios vizinhos com produtos do comércio varejista e atacadista.

A industrialização em Santa Maria é pouco expressiva e pouco diversificada. Concentra-se em indústrias de pequeno porte, em geral de beneficiamento de produtos agrícolas, mobiliários, metálicos, calçados e laticínios. Estas com localização dispersa, sem caracterizar alguma zona como industrial. A atividade agropecuária não tem muito destaque, sendo secundária. A produção predominante é primeiramente de soja, seguida pelo arroz, fumo, trigo e milho.

¹ Conforme a divisão do IBGE, composta por Santa Maria e outros 24 municípios.

Destaca-se na interiorização do ensino superior no estado do Rio Grande do Sul, no qual Santa Maria foi a pioneira, com a construção da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em 1960. Isso incentivou a descentralização dos investimentos federais (CAMPOS, 2015). Atualmente a cidade conta com sete instituições de ensino superior e nove polos de Educação à Distância (EAD). É considerado o mais importante centro urbano com característica de centro educacional do interior do estado, atuando como atrativo para estudantes de outras localidades, até mesmo fora do estado, estabelecendo com isso uma população flutuante. A presença das universidades também influenciou e ainda influencia nas funções médico-hospitalares, já que contribuem com o desenvolvimento do setor e com a especialização. Santa Maria, ainda, é possuidora do segundo maior contingente militar do país, com seu estabelecimento reportando a história colonial, imperial e republicana do Brasil, sendo uma cidade de característica militar.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO METODOLÓGICA

A Geografia, quando direcionada ao surgimento das cidades e aos movimentos de urbanização, tem o potencial de contribuir ampla e plenamente com o planejamento das cidades, sendo o diálogo entre as concepções teórico-metodológicas desenvolvidas pela Geografia Física um viés para o melhor entendimento da dinâmica espacial e temporal urbana. Ou seja, cabe também à Geografia Física refletir sobre a dinâmica da relação sociedade-natureza², para tornar o debate complexo, considerando a análise do ser e da história da intervenção humana na natureza.

A questão ambiental, ao se estabelecer como uma teia interdisciplinar com tensões, manifesta a necessidade do desenvolvimento de um conhecimento crítico, histórico e complexo. Este projetado em um contexto onde a ação interventora e modificadora do ser humano transforma através da produção e do uso intensivo daqueles denominados com recursos naturais. Tem-se na Geografia a função de materializar essa história. É a Geografia que ‘ajusta’ o ritmo do tempo. Portanto, as demarcações históricas só têm sentido de ser quando ‘geografizadas’ (RIBEIRO, 2011). O espaço social não pode ser explicado sem o tempo social, sendo essencial estabelecer relações entre os períodos históricos e a organização espacial – já que estas revelarão as mudanças sucessivas de cada lugar no decorrer da história. Essa análise conduz à geo-história, visto que essa é o estudo de uma dupla ligação, que ocorre da natureza ao ser humano e do ser humano à natureza, aliando o estudo do tempo e do espaço.

² Partindo da noção de que desde o surgimento de toda forma de vida, não há nenhum ecossistema que não seja modificado pelo ser humano, mas sim modificações de natureza diferente e de importância diversa (TRICART, 1977).

Ribeiro (2015) relata que a geo-história é parte da memória das populações, e uma fonte de experiências e acontecimentos que retratam a verdadeira história de apropriação do espaço. É o estudo de uma ação e de uma reação misturadas, confundidas. No entanto, nesse estudo é necessário fixar escala³, pois sem ela não há como compreender a ação antrópica sobre o meio físico e, igualmente, a ação do meio físico sobre o ser humano, já que estão interligados. É essa interligação da história com a natureza, em uma escala de longa duração, torna possível a identificação das transformações.

Essa dinâmica também está presente na geomorfologia moderna, onde tende-se a estudar três aspectos principais das formas de relevo: forma, processo e história. O último é denominado de Geomorfologia Histórica (CHORLEY 1978, apud HUGGETT 2007). A geomorfologia moderna assumiu como um dos ramos os estudos aplicados à gestão ambiental, onde se busca meios para gerir o ambiente com alternativas benéficas e que minimizem os possíveis impactos negativos que possam resultar da sua intervenção.

Suertegaray e Nunes (2001) dão destaque para a Geomorfologia sob uma nova forma de interpretação: uma Geomorfologia que substitui o tempo que escoou pelo tempo que faz. É uma concepção irregular, que insere a dimensão antropogênica no fazer da natureza. Não é só um tempo transcorrido, mas uma dinâmica. É essa dinâmica contínua, entre a natureza e o ser humano, de modo que o meio físico vai assumindo novas feições e tornando-se cada vez mais solícito às demandas sociais. Esse é um período muito mais curto do que aquele analisado para transformações de ordem de um tempo tido como profundo, para além de um tempo geológico. É uma nova forma de conceber a relação sociedade e natureza, onde essa percepção permite pensar e visualizar Geomorfologia e os estudos relativos à morfodinâmica dentro de um contexto de desenvolvimento social na ação do tempo sobre o relevo em escalas temporais reduzidas. Essa transformação do relevo é entendida a partir da apropriação da natureza.

Pode-se interpretar essa como um aspecto da Geomorfologia Antropogênica ou Antropogeomorfologia, a qual tem a intervenção antrópica como ação geomorfológica, modificando processos e a localização dos materiais superficiais, ocorrendo no uso da terra através da retirada ou modificação da cobertura vegetal, diretamente ao meio urbano, ou ainda nas modificações nas formações superficiais, e gerando com isso essa nova morfologia assim denominada.

Apresentando uma visão sistêmica, a Geomorfologia, ao abranger questões referentes à

³ É o artifício visual que dá visibilidade ao real, é a imagem que substituiu o território que ela representa (CASTRO, 1992, 1995).

sociedade e ao meio físico, faz com que a análise geomorfológica se transforme em instrumento essencial para a compreensão racional da forma de apropriação do ambiente pelo ser humano. Isso considerando o relevo como fundamental no planejamento territorial, por estabelecer categorias de avaliação conforme o grau de suscetibilidade ou fragilidade de cada ambiente, alertando sobre os impactos de influência humana.

Com tal fundamentação, também baseados na cartografia evolutiva e retrospectiva, esperou-se distinguir as áreas onde a intervenção antrópica ainda não alterou o ambiente de forma mais intensa daquelas onde a intervenção humana causou transformações consideráveis, investigando também a morfologia original.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: INVESTIGAÇÃO E RESGATE

O presente estudo foi constituído pela pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, sistematização de dados e seleção de indicadores. Estas foram esquematizadas a partir dos objetivos que se buscou atingir com o estudo, e ocorreram a partir de dados primários, secundários e terciários (Quadro 1).

Quadro 1 – Diretrizes metodológicas adotadas.

ELEMENTOS	DIRETRIZES METODOLÓGICAS
<i>Fontes de dados primários</i>	Resgatar documentos e registros em periódicos (jornais e revistas), relatórios; teses e dissertações; Valorizar as informações e observações já conhecidas sobre a área; Valorizar o conhecimento de integrantes do contexto da área de estudo.
<i>Fontes de dados secundários</i>	Privilegiar abordagens que tratem da realidade local e regional. Consultar anuários e revisões bibliográficas.
<i>Fontes de dados terciários</i>	Localizar indicadores em bibliotecas e centros de documentação; diretórios, catálogos comerciais.

Elaboração pelas autoras. (adaptado de STROHAECKER, 2007).

A pesquisa bibliográfica possibilitou a construção metodológica, que resultou de resumos, fichas de leituras, ensaios teóricos- metodológicos. Estes subsidiaram a construção conceitual e metodológica. Para isso compilou-se as principais publicações sobre geografia urbana, cartografia retrospectiva e evolutiva, e também sobre a área de estudo com abordagens de caráter socioeconômico, geográfico e histórico. Isto ocorreu com base em livros, teses, dissertações, artigos, entre outros meios bibliográficos. As bases consultadas foram as bibliotecas, físicas e/ou virtuais das universidades (UFSM, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),

Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (UNESP), entre outras), periódicos, relatórios da Prefeitura Municipal de Santa Maria, materiais do Instituto de Planejamento de Santa Maria (Iplan), relatórios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), materiais da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (FEE), Câmara de Vereadores de Santa Maria, Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Biblioteca Pública do Estado e Casa de Memória Edmundo Cardoso. A partir dessa exploração buscou-se ampliar o conhecimento e domínio sobre a área.

A pesquisa documental referiu-se ao levantamento de dados secundários. Concentrou-se na busca por dados que contribuíssem para a análise espaço-temporal da pesquisa. O recurso para pesquisa documental foi o levantamento de dados históricos e o levantamento de material cartográfico e fotografias aéreas. Esta fundamentou o reconhecimento das fases de desenvolvimento de Santa Maria, do modo como a cidade se estruturou economicamente e das políticas nacionais e regionais implementadas, que foram fundamentais no processo de entendimento das transformações e do modo como cada iniciativa refletiu a nível local.

Moura (2011) relata que os registros históricos são uma expressão das relações socioeconômicas do território. Assim, considerando que essa foi uma investigação do processo de ocupação que caracterizou essa urbanização, aplicaram-se os seguintes procedimentos sugeridos: pesquisas sobre registros fotográficos e documentos cartográficos antigos, bem como outros documentos importantes que revelam as formas de apropriação do meio físico e suas alterações; reconhecimento do uso da terra, identificando a evolução das diversas formas de uso numa determinada série temporal. Com essa abordagem geo-histórica, esperou-se identificar também algumas intervenções e as alterações em áreas simbólicas da cidade ao longo das décadas.

Os livros e revistas complementaram o levantamento, visto que podem conter ações mais pontuais e representativas, também evidenciando datas e às vezes trazendo fotografias e relatos de personagens importantes no contexto das decisões de planejamento de determinada época. Já as ortofotocartas, as fotografias aéreas, folhas, cartas e plantas, permitem a visualização das mudanças ao longo dos anos, principalmente da mancha de urbanização. Mudanças como a ampliação da área urbana entre outras alterações físicas visíveis aos olhos do observador.

Na etapa de sistematização dos dados e seleção dos indicadores o foco esteve em, com apoio de todo material já coletado, observar e compreender as ações humanas como ações na superfície terrestre, investigando também nessas padrões significativos, a dinâmica e a história cumulativa das intervenções humanas, empregando por fim diversas e complementares escalas espaço-temporais.

Os eventos históricos foram identificados e organizados cronologicamente, assim como as fotografias e mapas obtidos, e conseqüentemente foi-se construindo a narrativa que resultou na geo-história narrada a seguir. Os mapas que estão apresentados a seguir referem-se a produtos finais resultantes da projeção possibilitada pela geo-história e pelo resgate da cartografia geomorfológica evolutiva e retrospectiva. A cartografia evolutiva e retrospectiva foi viabilizada através da utilização da sequência temporal dos aerolevantamentos e das demais fontes de informação resgatadas.

CONDICIONANTES HISTÓRICAS E SOCIOECONÔMICAS

Cada geração, ou cada investigador, questiona o passado a partir de suas condicionantes e da sua observação do mundo. As evidências que restaram do passado possibilitam que algumas interrogações sejam supridas e explicações sejam produzidas a partir dessas evidências (RIBEIRO, 2011). Portanto, o resgate e a síntese histórica de Santa Maria (Quadro 2) têm o papel de esclarecer como ocorreu o processo de ocupação da área em estudo. Essa reprodução civilizatória, social e histórica também é um meio de reflexão e de auxílio para futuras tomadas de decisões relacionadas ao planejamento e desenvolvimento urbano. Relata-se alguns dos principais eventos, condicionantes socioeconômicas e agentes dinamizadores, que interagiram e influenciaram esse processo de expansão urbana sobre Santa Maria.

Quadro 2 – Eventos históricos que influenciaram a dinâmica da cidade de Santa Maria*.

ANO	EVENTO
1797	Acampamento com cerca de 100 pessoas
1801	Povoação
1810	Capela de Santa Maria
1819	Cachoeira é elevada à vila e Santa Maria passa a ser 4º distrito
1826	População aproximada de 2.128 habitantes
1828	Chegada do 28º Batalhão dos Estrangeiros, com soldados alemães
1835	Revolução Farroupilha. 2.905 habitantes
1837	Criada a Freguesia de Santa Maria da Boca do Monte?
1845	Fim da Revolução Farroupilha
1857	Elevada à categoria de Vila
1858	Novo município. Emancipação política em relação a Cachoeira do Sul. 2.290 habitantes
1876	Elevada de Vila para Cidade. Chegada dos imigrantes italianos. 3.000 habitantes.
1879/1881	Instalação da iluminação pública a querosene
1883/1885	Chegada da viação férrea, com estrada de ferro, ligando o interior a capital. Cerca de 3.000 habitantes urbanos
1888	Inauguração da Estação Férrea

1897	Inauguração de iluminação pública a eletricidade
1900	7.506 habitantes urbanos
1902	Prefeitura cria a Diretoria de Obras Públicas, por meio da Lei orgânica do município
1903	8.256 habitantes urbanos
1905	Cerca de 15 mil habitantes urbanos, com mais de 1.500 prédios nesse perímetro
1916	30.000 habitantes urbanos
1918	Saneamento iniciado
1920	Primeiros meios coletivos de transporte urbano, chamados pela população de “auto-bonde”. 32.700 habitantes urbanos
1929	Conclusão do saneamento
1930	Novo Plano de Expansão
1931	Início da Faculdade de Farmácia
1937	Criada a Brigada Militar do Estado, que pelo histórico no militarismo ganha destaque na cidade de Santa Maria
1941	42.000 habitantes
1950	Criação de loteamentos, com expansão da área oeste da cidade, próximo ao Cadena. 47.904 habitantes.
1953	60.000 habitantes
1954	Criação da Faculdade de Medicina
1960	Criação da Universidade de Santa Maria (USM), hoje UFSM. 83.000 habitantes.
1969	Plano Diretor
1970	Instalação da Base Aérea. 124.126 habitantes urbanos
1980	154.000 habitantes urbanos
1991	196.342 habitantes urbanos
2001	230.696 habitantes urbanos
2010	248.334 habitantes urbanos

Elaboração pelas autoras.

*Dados agrupados a partir dos levantamentos bibliográficos, documentais e iconográficos da pesquisa.

Rincão de Santa Maria, Oratório de Santa Maria, Vila Santa Maria, “Terra da Mãe de Deus”. Nomes característicos de uma região marcada pela influência das Reduções Jesuíticas ali existentes antigamente. Mais tarde Santa Maria da Boca do Monte, e em definitivo Santa Maria, após a organização do IBGE (IHGSM, 1962). A antes chamada “Santa Maria da Boca do Monte” poderia levar a interpretação de possuir esse nome pelas suas características físicas com relevo marcado pelos morros que formam um cerco a cidade. Porém o nome tem origem da forte influência espanhola durante sua ocupação, significando “monte” mato, bosque, floresta, e sendo essa sim a característica que chamou a atenção dos primeiros viajantes: a riqueza da vegetação da região na época. Ainda assim a predominância da paisagem da Depressão Central de Santa Maria eram os

campos nativos, com mata ciliar junto ao curso principal do arroio Cadena e capões de mato (MARCHIORI, 2009).

A cobertura vegetal do seu território foi essencial na influência das diferentes atividades produtivas desenvolvidas na região. Também foi importante no processo de apropriação de terras pelos distintos grupos sociais, já que sua posição geográfica também a tornava ponto de passagem para viajantes e carreteiros, e resultou em uma economia com diversificação produtiva. A ocupação da região ocorreu originalmente pelos indígenas tupi-guarani, os quais estabeleciam seus acampamentos as margens de rios e arroios da região, tendo como refúgio e subsídio ao seu modo de vida horticultor as matas ciliares (MACEDO, 2012). A ocupação Ibérica tem início na segunda metade do século XVII, com as Reduções Jesuíticas (BECKER, 1991). Os arroios também eram o ponto de demarcação territorial e de localização. Durante o Tratado de Santo Idelfonso, estabelecido a partir de 1777 e reconhecido como um dos primeiros registros histórico-geográficos da origem de Santa Maria, a área do município era território de um acampamento espanhol, que se localizava à margem do arroio Ferreira.

A partir do tratado de 1777, o acampamento militar foi estabelecido com o objetivo de auxiliar nos trabalhos demarcatórios, e desde então a presença militar se tornou característica em Santa Maria. Essa posição geográfica, central, favoreceu suas negociações no contexto geopolítico, fazendo-a se destacar militarmente no estado, função que lhe é atribuída até hoje na cidade e na segurança nacional. Um segundo acampamento estava à margem do arroio Cadena⁴, este português (BELÉM, 1989). Para escolha do local de expansão urbana, a presença de água foi um fator decisivo, pois servia para manutenção do acampamento, e, com o fim desses acampamentos provisórios, o acampamento geral português se estabilizou, por volta de 1797, todo na região do arroio Cadena, onde hoje se encontra o Parque de Moto-mecanização do Exército. Esse foi o marco cronológico para o estabelecimento de Santa Maria na visão de Beltrão (1958).

O testemunho da fundação da cidade, chamada então de Rincão de Santa Maria, está na Rua do Acampamento, na época Rua São Paulo. A partir de 1798 ali se iniciam as construções de ranchos, quando a Partida Portuguesa da Segunda Subdivisão da Comissão Demarcadora de Limites acampou na área onde hoje se concentra o centro da cidade, influenciando na evolução espacial do seu perímetro urbano (BELTRÃO, 1958). Em 1801 encerram-se os trabalhos de demarcação e parte dos funcionários optam por permanecer no local. A área de acampamento militar consolidou um

⁴ Na época chamado de Arroio Santa Maria.

povoado, o Acampamento de Santa Maria, agregando também atividades comerciais. Pessoas se deslocavam a Santa Maria, onde a presença militar servia como atrativo.

A aquisição de terras para plantio e criação animal era visada, e logo também se tornou um centro de transações comerciais. Essa conformação inicial contribuiu diretamente para a formação do município, já que, com a especulação local, estradas e caminhos começaram a ser abertos. Era uma necessidade para o aumento do fluxo de pessoas e de habitantes. Como traçado urbano da cidade seguia-se a demarcação dos acampamentos militares, atividade que com o passar dos anos também foi agregando e influenciando a economia da cidade.

Em 1821 Auguste de Saint Hilaré, ao passar por Santa Maria, registra em torno de 30 moradias, e relata se encantar com a beleza natural do local, além de um intenso comércio (MINUZZI, 2017). Em 1828 o 28º Batalhão de Estrangeiros chega a Santa Maria. Esse fato dá início ao ciclo germânico que influencia na formação de Santa Maria. Como consequência vários militares radicam-se ali, atraindo alemães de diversas regiões do estado, o que intensifica o povoamento da região. Em 1835, com a Guerra dos Farrapos (também conhecida como Revolução Farroupilha), ocorre um colapso na ascensão, estagnando o crescimento, apesar de logo, em 1837, ser elevada à condição de Freguesia. Na mesma época inicia a fase de imigração alemã, que junto à nova condição traz prosperidade à região, sendo vista como uma possibilidade de mudança na vida local e reanimando o comércio. Contudo o crescimento só é efetivamente retomado com o fim da Guerra dos Farrapos, em 1845.

Nas quatro décadas seguintes, apesar das mudanças políticas, Santa Maria apresentou um crescimento populacional e expansão territorial bastante inexpressivos. Finalmente conquista sua emancipação política, quando em 1857 é elevada à condição de Vila (Figura 2) através da lei número 400, e logo após, em 1858, é declarada município.

Figura 2 – Planta da Vila de Santa Maria da Boca do Monte em 1861 – Escala 1:3.600. No destaque traçado em amarelo está a Rua do Acampamento. O retângulo em vermelho sinaliza a localização da praça, hoje “Praça Saldanha Marinho”.



Planta organizada por Otto Brinckmann. Adaptado pelas autoras. Câmara de Vereadores de Santa Maria

Apenas em 1876, com uma população urbana ainda pequena (Figura 3), é elevada à Cidade através da Lei Provincial número 1013. Santa Maria torna-se mais visada e atrativa ao resto do estado a partir desse marco geopolítico. Partiu-se do pressuposto de que o modelo de expansão de Santa Maria ocorreu sob influência de diversas instituições, órgãos federais, iniciativas públicas que almejavam o desenvolvimento e que de modo geral, buscavam conectar o município às diversas regiões do estado. Essa estratégia ocorria devido a sua localização geográfica, central, que facilitava esse fluxo.

Então, em 1885, a viação férrea chega a Santa Maria e acarreta em um rápido crescimento. Esse constitui-se o marco na história santamariense, pois faz a cidade prosperar, obtendo um salto populacional de 3.000 para 15.000 habitantes ao longo de apenas 20 anos. Grande parte desse crescimento se deve a ligação ferroviária de Santa Maria com o norte do estado, que propiciou a Santa Maria logo se tornar um dos principais entroncamentos do estado (BELÉM, 1989), abrir novas vias, e servir como ponto de circulação e parada para muitas pessoas de todo o Rio Grande do Sul.

Figura 3 – Na fotografia a Rua do Acampamento, a mais antiga daquela cidade. De autor desconhecido, ela foi tomada na direção sul-norte, das imediações da esquina com a atual Rua José Bonifácio, rumo ao centro. A fotografia é datada de 1890, mas acredita-se que seja mais antiga, comparando-a com outras fotos daquela mesma rua na mesma época.



Autor desconhecido. Fonte: Revista Comemorativa do Centenário de Santa Maria (1914)

A REINVENÇÃO SOB INFLUÊNCIA DE SUA GEO-HISTÓRIA

Com a chegada da viação férrea e os fluxos econômicos e populacionais atrelados a ela, fez-se necessário dentro do planejamento tornar a cidade atraente e criar novos espaços de interação e lazer, devido a esse fluxo constante de pessoas. Uma nova arquitetura já era pensada, visando a construção de prédios e o alargamento de ruas. Essas ideias permeavam entre vereadores, políticos, comerciantes. Novos valores estéticos eram visados. Santa Maria queria fugir da colonialidade para modernidade, e isso significava uma reforma urbana. Nesse período a cidade de Santa Maria, principalmente seu Centro, começavam a passar por diversas intervenções que viriam a transformar a sua dinâmica e seu meio.

A igreja matriz foi reconstruída em um novo local. Juntamente iniciou-se um processo de mobilização pela higienização e saneamento, e novas avenidas foram abertas e praças foram criadas (KARSBURG, 2007). A meta era um modelo de sociabilidade burguês, que viria a substituir e abonar os antigos costumes e alguns símbolos tradicionais. Porém, a ausência de projeção de cenários dentro do entendimento de planejamento existente na época para a criação das políticas públicas, no decorrer de todo século XX, fez com que essa transformação e desenvolvimento ocorresse de forma desordenada, com a infraestrutura contemplando apenas alguns setores da cidade e da sociedade.

Na Figura 4 está retratada a Praça Saldanha Marinho e os arredores da Rua do Acampamento, aproximadamente em 1905. Nesta fotografia já é possível observar o processo de

urbanização com o aumento das áreas edificadas, porém a vegetação ainda predominava e se estendia por várias áreas.

Figura 4 – Fotografia da Praça de Santa Maria em 1905. Exemplo do padrão urbano, com traços da morfologia original ainda aparente, tendo como ponto de referência a Praça Saldanha Marinho e arredores da Rua do Acampamento no centro de Santa Maria em 1905. Em primeiro plano trecho da Avenida Progresso, atual Avenida Rio Branco.



Cartão Postal. Fonte e autoria desconhecida.

A partir de 1914 a cidade passa a apresentar um tecido urbano mais extenso, ultrapassando o traçado férreo. Essa expansão ocorria para oeste e para sul, configurada principalmente por várias alterações na zona oeste, com a abertura de novas ruas junto a Avenida Borges de Medeiros e o prolongamento de algumas já existentes. Juntamente com as alterações na infraestrutura surge a necessidade de melhorias na salubridade e higienização urbana, e, em 1918, iniciam as obras de saneamento planejadas por Saturnino de Brito.

A formação de Santa Maria, como se percebe com os relatos até então descritos e nos demais que aparecerão no decorrer desta pesquisa, tem sua história intimamente associada a formação territorial do estado do Rio Grande do Sul. Era ponto de convergência férrea para Porto Alegre, para a Fronteira e para a Serra, tornando a cidade movimentada pelo fluxo de pessoas que partiam e chegavam dos diferentes destinos em sua estação férrea (BELÉM, 1989). Essa bagagem de herança histórica, militar e geopolítica tornou Santa Maria constantemente visada para instalação de unidades militares. O resultado foi a construção de quartéis, que redefiniram o ordenamento espacial da cidade a partir das instituições de forças terrestres que progressivamente foram agregadas ao município (MACEDO, 2012). O eixo ferroviário também demarcava o perímetro urbano, sendo

considerado uma barreira para expansão em algumas direções. Porém, após 1914, a expansão ultrapassou os trilhos, acontecendo em direção à Oeste (em direção ao canal principal do arroio Cadena) e para sul. E a exploração foi crescente neste período, já que essa atividade foi contínua e intensa até a metade do século XX.

Essa história esclarece o militarismo presente até hoje em Santa Maria, que tem seu princípio antes mesmo de sua fundação como cidade, e é potencializado no século XX, quando nos primeiros 25 anos do século se estabeleceram o quartel da 3ª Brigada Estratégica (1908) e do 7º Regimento de Infantaria (1913), o Hospital Militar de Santa Maria (1919), o Parque de Aviação (1921) e o 5º Regimento de Artilharia Montada (1925). No decorrer do século XIX o Regimento de Artilharia exerceu fortemente sua função militar, com concentração de contingente militar e participação em diversas batalhas nas guerras. Este transfere-se oficialmente para Santa Maria em 1925, mantendo-se no mesmo local, o bairro Passo da Areia (região Centro-Oeste), até hoje.

A região também se torna atrativa como área residencial, além da necessidade de abrigar o contingente militar, com abertura dos primeiros loteamentos em 1927 (SALAMONI, 2008). Nesse período destaca-se um crescimento sem ordenação em Santa Maria, com a implantação de vários loteamentos, que ocorria principalmente nas áreas periféricas, e que começa nesse período a ocorrer a oeste, com a abertura de loteamentos no Patronato e no Passo D'Areia (SALAMONI, 2008). Na década de 1930, a administração pública encarregada propõe um Plano de Expansão, a fim de ordenar o traçado urbano, já que se visualizava que a cidade crescia de forma desordenada nas últimas décadas sendo descrito o modelo existente até então, aparentemente em pequenos lotes e vilas, como um crescimento anárquico (CARDOSO, 1940). Nas áreas mais próxima ao Centro, como as proximidades da Praça Saldanha (Figura 5), essa desordenação era menos perceptível, pois ainda se prezava pelo estético das construções, e ali se concentrava a população com maior poder aquisitivo. Porém, já assumia um padrão urbano onde o concreto passava a substituir a arborização.

Entre 1938 e 1942, Santa Maria surpreende pelo seu progresso e se fixa como grande centro do Estado. A cidade se renova, se moderniza, entrando em uma era de empreendimentos e trabalho, e como resultado de um governo próspero o coração do Rio Grande do Sul passa a se sentir como uma metrópole. Esse período também coincidia com o “Estado Novo” (1937-1945), regime político que ocorreu na “Era Vargas”, instaurado pelo então presidente Getúlio Vargas.

Figura 5- Praça de Santa Maria em 1930. Exemplo de padrão urbano, tendo como ponto de referência a Praça Saldanha Marinho e arredores do centro de Santa Maria na década de 1930.



Autoria desconhecida.

Vivia-se um momento de resistência e luta por direitos. Santa Maria destacava-se nacionalmente, com suas associações e sindicatos em contato constante com a presidência por meio de telegramas que expressavam a busca por melhores condições de vida e condições de trabalho. A Associação Comercial de Santa Maria, a exemplo, reivindicava não apenas direitos para classe trabalhadora, mas também o respaldo legal para suas demandas. Em 1939 o Estado também vivia uma crise nas lavouras de arroz, que contribuiu para o êxodo rural e pressionou o mercado de trabalho urbano. Santa Maria, no mesmo período, se destacava no movimento grevista, com destaque para classe ferroviária, a qual lutava por melhores salários e condições dignas de trabalho (KONRAD, 2006). Durante esse período é implementada a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), a jornada de trabalho de oito horas, salário mínimo e carteira assinada. Essas conquistas e condições corroboraram para a prosperidade econômica de Santa Maria e como atrativo para pessoas da área rural e de outros municípios.

Ruas e avenidas foram abertas a sul, leste e oeste, novas praças foram construídas, e isso refletiu confiança a população, ampliando o número de construções, de modo que em 1937 o número de novas construções foi de 86 casas, e em 1938 são construídos 417 edifícios. A necessidade de investimentos na infraestrutura de Santa Maria era debatida entre a população, e a opinião pública e os críticos e estudiosos da cidade expressavam sua opinião através dos jornais e revistas e manifestavam críticas aos urbanistas. Na época o jornal *Correio do Povo* publica:

“a cidade, ser vivo e pleno de momentos, precisa de pulmões para respirar. É indispensável a existência de amplos espaços, numa extensão diretamente proporcional a densidade demográfica e à área urbana, para que o ar circule, se renove, se purifique. Esta é a expressão mais simples das afirmações cada vez mais popularizadas dos urbanistas que pontificam, escutando os conceitos das autoridades sanitárias” (CARDOSO, 1940).

E Edmundo Cardoso manifestava-se, frisando a importância de olhar para o contexto social que as modificações na cidade implicavam. Após a década de 1950, áreas consideradas desfavoráveis para construção e habitação passam a ser destinadas para o uso urbano, devido ao grande aumento populacional de Santa Maria, com isso aumentando os impasses ambientais. Na década de 1950 as modificações já estavam impressas na infraestrutura e pela nova arquitetura que tomava conta do entorno da tradicional praça (Figura 6). Ruas já asfaltadas, extensas áreas pavimentadas, edifícios mais altos. Um novo padrão de organização ambiental e social atingia Santa Maria, por meio de intervenções, como obras, que eram associadas a prosperidade. Essa fase é caracterizada pela transferência de muitos militares para cidade, que ao se deslocar com suas famílias favoreceram o aumento populacional, ampliado aproximadamente em 13 mil habitantes, quando entre 1950 e 1953 a população urbana apresentou um recenseamento de cerca de 47 mil para 60 mil habitantes.

Figura 6 – Praça de Santa Maria. Exemplo de padrão urbano já caracterizando a expansão e o planejamento urbano, tendo como ponto de referência a Praça Saldanha Marinho e arredores da Rua do Acampamento, no centro de Santa Maria na década de 1950



Autoria desconhecida.

Com a Segunda Guerra Mundial, Santa Maria foi responsável por receber novas unidades de outras partes do país, para ali serem reorganizadas, sendo estas a 4ª Companhia Especial de Manutenção, o 3º Batalhão de Carros de Combate, o Campo de Instrução do Exército (1956) e o Parque Regional de Motomecanização (1959). Os traços mais marcantes da configuração atual da

cidade começam a surgir a partir nesse momento, na década de 1950. Nessa década fica evidente o crescimento na Região Oeste, com a abertura de novos loteamentos, que causam descontinuidade na malha urbana existente, sendo estes no Salgado Filho, Juscelino Kubitschek, Urlândia (próximos ao Cadena), o que caracterizou a área como um novo vetor de expansão. Isso propiciou que Santa Maria, como a grande maioria das cidades, se desenvolvesse em um modelo de vida urbano caracterizado pela expansão desmedida, sem perspectivas que contemplassem a ordenação territorial a longo prazo, tendo historicamente um resultado adversativo para a qualidade socioambiental urbana.

O adensamento populacional e o processo de verticalização da cidade suprimiram grande parte da vegetação e vulnerabilizou seus arroios. Como consequência à dinâmica social, iniciou-se um processo intenso de ocupações irregulares, constituindo a periferia de Santa Maria. Na dinâmica social, a consequência foi o início de um processo intenso de ocupações irregulares, constituindo a periferia de Santa Maria. Conforme Botega (2012), o crescimento da população urbana de Santa Maria não seguiu a lógica geral do Brasil, que na época era o êxodo rural pela industrialização. Santa Maria construiu sua base econômica no setor terciário.

Juntamente ocorria o progresso das instituições de ensino superior, com a fundação dos cursos de Farmácia (ainda em 1931) – o embrião da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)⁵ –, Medicina, Letras, Filosofia, Educação Física. A UFSM foi a pioneira na interiorização do ensino superior e público. Criada por lei federal em 1960 exerceu influência na área geoducacional da região. José Mariano da Rocha fundava, assim, “a primeira Universidade Federal no interior do Brasil, em uma cidade que não fosse capital de estado: a Universidade de Santa Maria, ‘a Nova Universidade’, baseada no princípio de que a ‘Universidade deve ser a alavanca do progresso de sua região’” (ROCHA FILHO, 1993, p. 15). Com a sua inauguração a cidade demonstrou uma mudança significativa em sua estrutura, o que representou também um aumento na demanda de políticas urbanas. A mancha urbana se difundiu em direções distintas das do acampamento inicial, principalmente nos eixos leste, oeste e sul, já que a geomorfologia dificultava a expansão ao norte.

Em meados da década de 1960 a população urbana era de aproximadamente 90.000 habitantes (ABREU, J. P., 1962 apud MARCHIORI, NOAL FILHO, 1997). Nessa fase a vocação para o setor educacional já era conhecida, com a população de estudantes representada por quase um terço. Mesmo com o declínio do setor ferroviário a atividade ainda era representante para economia.

⁵ Na época Universidade de Santa Maria (USM).

Com o maior parque ferroviário do Estado e seus três mil operários, a cidade manteve o adensamento populacional através da instalação de outras estruturas que vieram a servir de atrativos populacionais.

Conforme pesquisa desenvolvida por Alves (2012), em 1966, com base nas plantas cadastrais, a cobertura vegetal representava cerca de 61% da área total da Região Administrativa de Santa Maria. Na rede de drenagem da bacia hidrográfica do arroio Cadena, ainda existia significativo fragmento arbóreo caracterizado pelas matas galeria, e por um índice baixo de espaços construídos (menos de 15%). Porém, com políticas habitacionais através do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, e na época da Cohab, foram construídos núcleos habitacionais que expandiram Santa Maria na década de 1960.

Esse processo de urbanização ocorreu pelo setor terciário, e os governos militares investiram na construção civil como um plano para acelerar a economia. Desse período resultaram os núcleos habitacionais da Vila Kennedy (em 1967, com 116 unidades habitacionais) e Salgado Filho (em 1968, com 76 unidades habitacionais). Porém as obras e políticas habitacionais não acompanharam o déficit habitacional de Santa Maria, deixando a cidade vulnerável a uma sucessão de ocupações irregulares, e concretizando a partir da década de 1960 a “Cidade Ilegal” dentro do espaço urbano santa-mariense (BOTEGA, 2012).

Juntamente influenciadora deste processo foi a Base Área de Santa Maria, logo fundada em 1970 como resultado do Aeródromo criado durante a Segunda Guerra Mundial. Também na década de 1970, em 1972, a cidade recebe a 6ª Brigada de Infantaria Blindada. Nessa mesma fase ocorre a tentativa de implantação do Distrito Industrial, a oeste da área central, o qual consolidou sua instalação em 1975, porém a proposta não atingiu as expectativas (LIMA, B., 2014). Na região já existiam alguns loteamentos, e o movimento de ocupação próximo ao leito principal do arroio Cadena se intensificava. No contexto da cidade, com a chegada da década de 1970 ocorre a reinvenção a do urbano – com a expressiva verticalização (Figura 7), juntamente com o planejamento e a modernização. Com o passar dos anos diminuem os vestígios da configuração existente no início da formação da cidade, dando lugar a edifícios e avenidas. Novos componentes urbanos incorporam e modificam a paisagem continuamente.

Figura 7 - Praça Saldanha Marinho. Exemplo de padrão urbano verticalizado, com morfologia antropogênica, tendo como ponto de referência a Praça Saldanha Marinho e arredores do centro de Santa Maria na década de 1970.



Fonte: Acervo Digital do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria.

A partir de 1976, com a ocupação da Vila Renascença, a Região Oeste, com sete ocupações, passou a ser a principal área onde estavam localizadas as ocupações de Santa Maria (BOTEGA, 2012). Ainda na década de 80, Santa Maria recebe outras três unidades do Exército, e na década de 90 inaugura o Colégio Militar (1994). No ano de 1980 o novo Plano Diretor é aprovado, e o governo é autorizado a participar do Projeto Comunidade Urbana de Recuperação Acelerada (CURA), que dá início as obras do Parque Itaimbé. Essa obra foi responsável pela canalização de toda microbacia do Itaimbé, onde localizam-se nascentes do Cadena, sendo todos tributários transformados em canais fechados. Em 1980 os espaços construídos nas proximidades do Cadena já representavam 30% da área. Na década de 1980 ocorre uma sequência de intervenções na tentativa de conter as inundações do arroio. Nesta mesma época são realizadas obras de dragagem para aprofundamento do leito e para facilitar o escoamento das suas águas.

Entre a década de 1950 e 1990 ocorreu um “boom” populacional, onde a população urbana de Santa Maria cresceu 410%. O adensamento populacional e o processo de verticalização da cidade suprimiram grande parte da vegetação, e forçaram um modelo de urbanização que excluiu a conservação dos cursos d’água de suas prioridades. Santa Maria apresentava uma urbanização dispersa e fragmentada, pois, como consequência desse fluxo de ocupação a oeste, as áreas com densidade populacional estavam dispersas e aumentavam os vazios urbanos (SALAMONI, 2008). Estes obedeciam as barreiras que impediam a continuidade na expansão, sendo estas naturais, a

exemplo das áreas de alta declividade da Escarpa do Planalto Meridional, como as proximidades ao Rebordo e aos morros testemunhos, ou antrópicas, como áreas institucionais, militares, de uso rural, destinadas a educação e a serviços, e a viação férrea – barreira física e elemento histórico da conformação urbana de Santa Maria, com alguns traçados sendo incorporados à malha urbana, e outros servindo de limitante juntamente com as formações de relevo que impedem a ocupação (DAL’ASTA, 2009). Pinheiro (2002) afirma que, com o fracasso industrial de Santa Maria, ela tornou-se a "cidade das invasões". Em 2003 eram 5000 loteamentos clandestinos (BOLFE, 2003), com destaque para a precariedade do saneamento básico destes.

Nas décadas seguintes as instituições de ensino superior continuaram exercendo forte influência na expansão de Santa Maria. Em 1990 já eram 9.939 alunos na UFSM, entre ensino médio e técnico, graduação e pós-graduação (ROSSATO, 1997). As instituições também exerceram participação na abordagem e busca de alternativas para o planejamento, infraestrutura e qualidade de vida de Santa Maria, bem como soluções para o arroio Cadena.

A intensificação da ocupação na planície fluvial nas proximidades do antigo canal do arroio Cadena já em 1992 ocorria tanto para moradia como para o sistema viário, e criou descontinuidades estruturais e texturais (Figura 8), tendendo a modificações na altimetria da superfície. Também em 1992 existiam novas áreas de extração de argila.

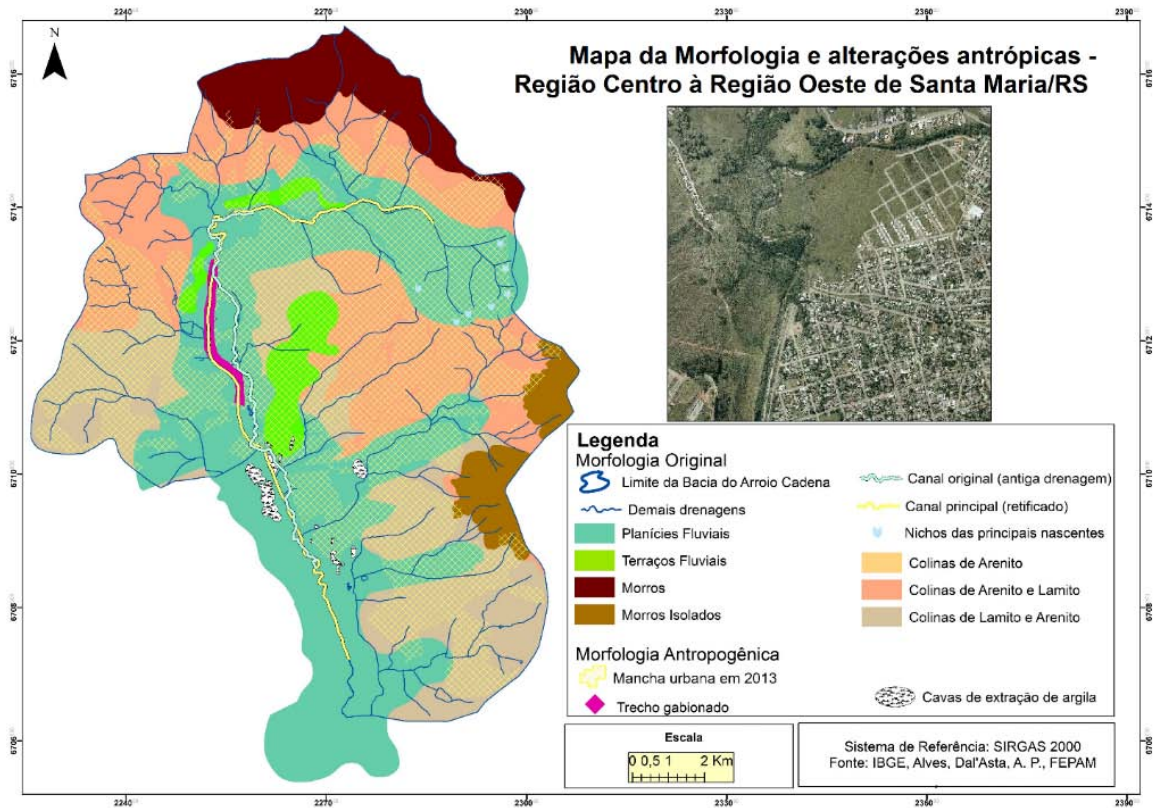
Figura 8 – Mosaico organizado a partir de 12 fotografias aéreas na escala 1:10.000, referente a voo realizado em 1992. Na imagem, através da fotointerpretação, identificou-se o andamento das obras de canalização do arroio Cadena e de retificação do canal principal. Também identificou-se áreas de extração de argila e cavas abandonadas, bem como um traçado urbano com destaque para abertura de vias e construção de diversos loteamentos.



Fonte: Instituto de Planejamento de Santa Maria. Elaboração pelas autoras.

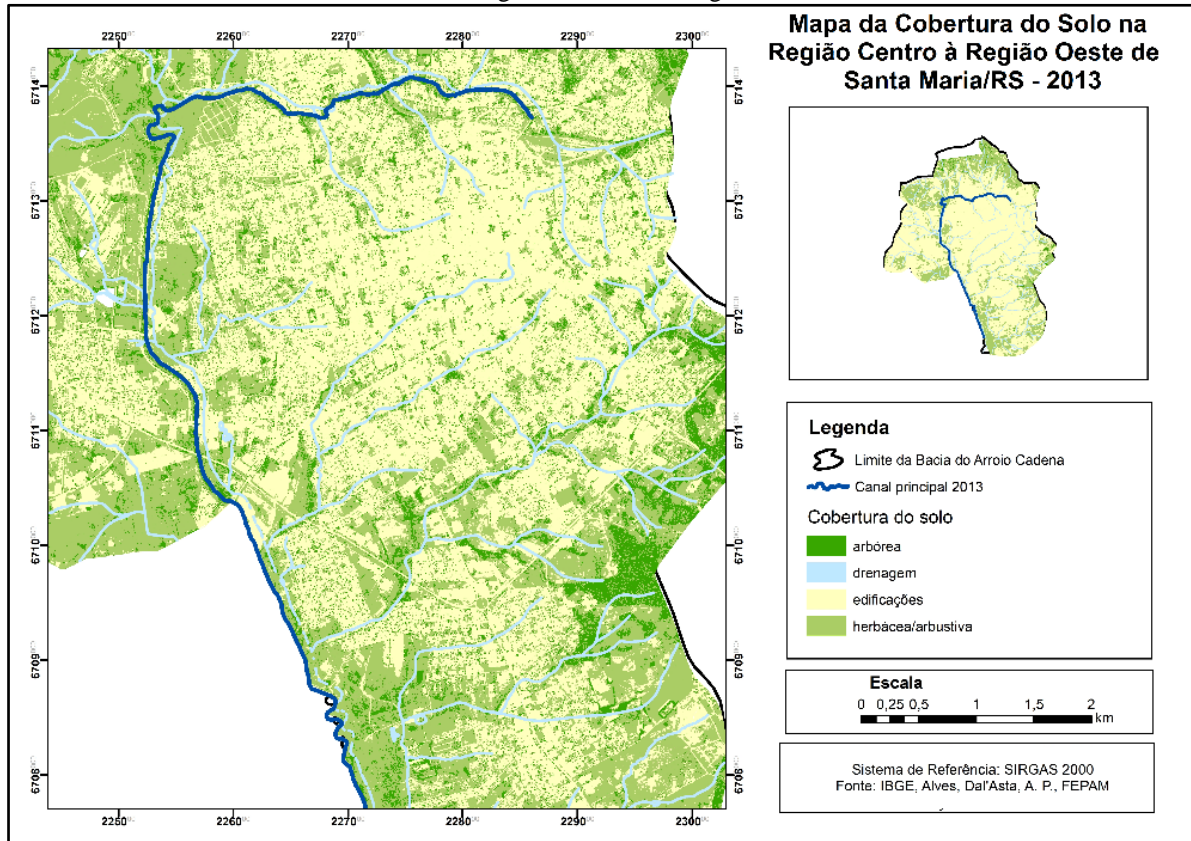
Até meados da década de 1990 essa atividade se manteve intensa com o grande número de olarias presentes nas áreas vizinhas ao Cadena, alterando intensamente o meio e a sua geomorfologia. Hoje as cavas abandonadas encontram-se a jusante (Figura 9 e 10), recebendo todo acumulado fluvial e acabam saturando com as águas pluviais e com o extravasamento do arroio, formando alagados (barreiros), que permanecem cheios de água grande parte do ano, resultando na saturação do solo.

Figura 9 - Mapa morfologia e alterações na Região Centro à Região Oeste em 2013, com destaque para modificação da topografia, alteração e intervenções no canal principal do arroio.



Elaboração pelas autoras.

Figura 10 - Mapa da cobertura do solo na abrangência da Região Centro e parcial da Região Oeste em 2013, com base no estudo de Alves (2012), com destaque para alta densidade de edificações no entorno do canal principal do arroio Cadena, significativa supressão de vegetação na extensão da Região Centro e Centro-Oeste, mesmo em áreas que margeiam os cursos d'água.



Elaboração pelas autoras.

Essa dinâmica desencadeia processos erosivos, já que aceleram a dinâmica de inundações, e são contíguas a muitas moradias, ocorrendo atreladas a intervenção antrópica também através da abertura de canais artificiais, ligando as áreas de extração ao canal principal, para drenar as cavas. Nos setores a montante, próximo à região central e de maior poder aquisitivo estão as principais canalizações das nascentes e tributários. A diminuição da cobertura vegetal nas margens dos canais ao longo dos anos também diminuiu expressivamente, sendo outro fator de influência para suscetibilidade da rede de drenagem a processos e modificações na sua dinâmica. A população santa-mariense atua como geradora de processos, modificadora da paisagem e intensificadora da ação morfológica, e configuração atual é um resultado das interações entre os fatores biológicos, físicos e antropogênicos, que constituem essa dinâmica aqui debatida. A evolução de Santa Maria e de sua morfologia é resultado da dinâmica instável entre tais elementos físicos, biológicos e antrópicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O urbano é um processo contínuo de transformações, as quais ocorrem em intervalos de tempo cada vez menores. E por isso a necessidade de pensar a cidade como virtualidade, possibilidade futura de realização da vida. A consciência individual e de grupo é formada tanto pelo desenvolvimento quanto pela cultura, em diferentes tempos históricos. O fato de nosso modelo de desenvolvimento criar legislações e campanhas de sensibilização que, apesar protecionistas, baseiam-se em visões antropocêntricas, intensifica as relações de poder. O desenvolvimento é inerente ao ser humano, porque são atitudes planejadas para um determinado fim. Conforme alguns pesquisadores afirmam, desenvolvimento foi uma invenção pós Segunda Guerra Mundial, que conquistou sua dominação pelo discurso da necessidade. Hoje vivemos uma fase pós-desenvolvimento. No processo de compreensão dessa realidade social, coloca-se o espaço como conceito e prática, tendo no movimento de sua produção e reprodução a chave para compreensão da dinâmica atual.

A centralidade da análise desse espaço em questão foi focada na produção do espaço como criação civilizatória, social e histórica. Através do resgate do processo de ocupação e das transformações impulsionadas pela urbanização na área de estudo, percebe-se que muito além de uma parte individualizada, aqui tratamos de um todo: Santa Maria. Um conjunto de interações, resultante de um processo histórico cumulativo. O processo de urbanização extrapola o crescimento da cidade, sendo um sistema complexo e amplo, e fundamenta um processo intenso de transformação de formas e conteúdo. Nesse processo de desvendamento de Santa Maria, com a investigação de parte da sua origem e do que se tornou, abriu-se também um debate relacionado a sociedade urbana. “A cidade vai se transformando à medida, que a sociedade vai se metamorfoseando” (CARLOS, 2012, p.107).

Santa Maria têm gerado um crescimento em cadeia no decorrer de sua história, considerando que suas políticas impulsionaram o desenvolvimento regional. Porém é necessária a adequada gestão dos seus recursos humanos, materiais e naturais, para que as demandas sejam alocadas com maior eficácia. Santa Maria é precursora no ensino superior no interior do Estado. Na totalidade das sete instituições (UFSM, Unifra, Fadisma, Ulbra, Fisma, Fames, Fapas) se tem o expressivo número de 50 mil alunos de ensino superior, e é a educação uma das alavancas para a promoção do desenvolvimento econômico e territorial sustentável. É constatado o aumento da produtividade, inovação e autonomia da população e trabalhadores quando possibilitado o acesso ao ensino superior. A cidade descentralizou, atraiu e ainda atrai recursos e investimentos federais através de

suas universidades, faculdades, institutos de ensino, sendo referência na pesquisa e extensão. Porém falha, ao não direcionar todo esse potencial científico, de conhecimento, inovações e de mão de obra para suas necessidades e demandas básicas. A interdisciplinaridade surge como um viés que viabiliza a compreensão do todo, e constrói uma teia para interligar as áreas de conhecimento e relações sociais. Não precisamos apenas de um desenvolvimento sustentável, mas de uma sociedade sustentável.

REFERÊNCIAS

ALVES, D. B. **Cobertura vegetal e qualidade ambiental na paisagem urbana de Santa Maria (RS)**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2012.

BECKER, I. I. B. O que sobrou dos Índios Pré-históricos do Rio Grande do Sul. In: _____. **Pré-História do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo. Ed. UNISINOS, 1991, 107-132.

BELÉM, J. **História do Município de Santa Maria**. Santa Maria: Ed. UFSM, 1989.

BELTRÃO, R. **Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho: 1787 – 1930**. Santa Maria: Editora Pallotti. 1958.

BOLFEE, S. A. **Transformações do espaço urbano de Santa Maria – RS e sua região: tendências e condicionantes**. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

BOTEGA, I. da R. Urbanização e Ocupações na formação da periferia de Santa Maria-RS na segunda metade do século XX. In: RIBEIRO, J. I.; WEBER, B. T. (Orgs). **Nova história de Santa Maria: outras contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 19-30.

CAMPOS, M. M. S. Expansão e interiorização do ensino superior no RS. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, Ano 24, n. 5, p. 3, maio 2015.

CARDOSO, E. **Um momento na vida do município de Santa Maria**. 1940.

CARLOS, A. F. A. A “Geografia Urbana” como disciplina: uma abordagem possível. **Revista do Departamento de Geografia-USP**, vol. especial 30 anos, p. 92-111, 2012.

CASTRO, I. E. **Análise geográfica e o problema epistemológico da escala**. Anuário do IGEO, Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1992/vol_15_21_26.pdf. Acesso em: ago. 2018.

_____. “O problema da escala”. In: CASTRO, I. E. et al. (Orgs.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro, Bertrand, 1995.

DAL’ASTA, A. P. **Elaboração de zoneamento geoambiental para o perímetro urbano de Santa Maria-RS**. 2009. 198 f. Dissertação (Mestrado em Geografia e Geociências) - Universidade

Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

GOMES, T. C. **Crescimento urbano sobre os compartimentos de relevo no município de Santa Maria, RS**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2013. [157 f.].

GOMES, T. C.; MOURA, N. S. V. Intervenções Antropogeomorfológicas e as derivações ambientais decorrentes do processo de urbanização de Santa Maria/RS. **Revista Discente Expressões Geográficas**, v. 01, p. 82-102, 2015.

HUGGETT, R. J.. What Is Geomorphology?, In: . **Fundamentals of Geomorphology, Second Edition**. Taylor & Francis e-Library, 2007. p. 3 -30. Disponível em: http://www.cec.uchile.cl/~fegallar/Fundamentals_of_Geomorphology.pdf. Acesso em: dez. 2016.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades**. Rio de Janeiro, 2017.

IHGSM. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria**. Rio Grande do Sul. Ano 2, n. 2. 1963.

KARSBURG, A. O. **Sobre as ruínas da velha matriz: religião e política em tempos de ferrovia (Santa Maria 1880-1900)**. Santa Maria: Editora da UFSM. 2007.

KONRAD, G. V. R. **Os trabalhadores e o Estado Novo no Rio Grande do Sul: um retrato da sociedade e do mundo do trabalho (1937-1945)**. Campinas, São Paulo: [s.n.], 2006.

LIMA, B. **Distrito Industrial de Santa Maria-RS: instalação e novas perspectivas**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. 124 f.

MACEDO, J. H. S. A Guarda de Santa Maria: Um foco para o surgimento da cidade de Santa Maria. In: RIBEIRO, J. I.; WEBER, B. T. (Orgs.). **Nova história de Santa Maria: outras contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 19-30.

MARCHIORI, J. N. C. A vegetação em Santa Maria. **Ciência & Ambiente**, Santa Maria, n. 38, jan-jun, p.93- 112, 2009.

MARCHIORI, J. N. C.; NOAL FILHO, V. A. **Santa Maria: relatos e impressões de viagem**. Santa Maria: UFSM, 1997.

MINUZZI, J. D. O. **Uma impressão a cada viagem: Percepção da natureza do Pampa na visão de viagens europeus 1818-1858**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2017.

MOURA, N. S. V. Estudos Geográficos com Ênfase na Geomorfologia: Questões Teóricas, Metodológicas, Mapeamentos e Aplicações em Estudos Ambientais. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, Uberlândia, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3702251>. Acesso em: nov. 2016.

PESSOA, M. L. (Org.). População do RS. In: _____. **Atlas FEE**. Porto Alegre: FEE, 2017.

PINHEIRO, A. C. **Levantamento e análise do processo de ocupação irregular do solo urbano nos últimos 30 anos (1970-2000) em Santa Maria – RS**, Monografia (Graduação em Geografia), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2002.

Revista Comemorativa do Primeiro Centenário de Fundação da Cidade de Santa Maria. Porto Alegre: Globo, 1914.

RIBEIRO, G. Fernand Braudel e a geo-história das civilizações. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan.-mar. 2011, p.67-83.

_____. A arte de conjugar tempo e espaço: Fernand Braudel, a geo-história e a longa duração. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.22, n.2, abr.-jun. 2015, p.605-639.

ROCHA FILHO, J. M. **A terra, o homem e a educação**. Santa Maria: Pallotti, 1993.

ROSS, J. L. S. Análise empírica da Fragilidade dos Ambientes Naturais e antropizados. **Revista do Departamento de Geografia** n° 8, 63-74 pp. DG-FFLCH-USP, São Paulo, 1994.

ROSSATO, R. As condições da pesquisa na UFSM. In: FRANCO, M. E. D. P. (Org.). **Universidade, pesquisa e inovação: o Rio Grande do Sul em perspectiva**. Passo Fundo: Ediupf; Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

SALAMONI, G. F. **O crescimento urbano por extensão e suas repercussões em estruturas urbanas: estudo de caso: Santa Maria-RS**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008, 372 p.

STROHAECKER, T. M. **A urbanização no Litoral Norte do estado do Rio Grande do Sul: contribuição para a gestão urbana ambiental do município de Capão da Canoa**. Tese (Doutorado em Geociências), Programa de Pós-Graduação em Geociências, Porto Alegre: UFRGS, 2007.

SUERTEGARAY, D. M. A; NUNES, J. O. R. A natureza da geografia física na geografia. **Terra Livre**, São Paulo, n. 17, 2 sem. 2001.

TRICART, J. O conceito ecológico. In: _____. **Ecodinâmica**. FIBGE/Supren. Rio de Janeiro, 1977.